



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FEAAC FACULDADE DE ECONOMIA ADMINISTRAÇÃO ATUÁRIAS E  
CONTABILIDADE  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**OS DESAFIOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL FRENTE ÀS IMPORTAÇÕES  
DOS PRODUTOS ASIÁTICOS: UM ESTUDO DE CASO**

**FORTALEZA - CE**

**2014**

**RICARDO JOSÉ VILAR DE BRITO JUNIOR**

**OS DESAFIOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL FRENTE ÀS IMPORTAÇÕES  
DOS PRODUTOS ASIÁTICOS: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Ana Maria Fontenele.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

**Universidade Federal do Ceará**

**Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo**

---

**B876d Brito Júnior, Ricardo José Vilar de.**

**Os desafios da indústria têxtil nacional frente às importações dos produtos asiáticos: um estudo de caso / Ricardo José Vilar de Brito Júnior . – 2014.**

**49 f. : il. color.; enc.**

**Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2014.**

**Orientação: Profa. Dra. Ana Maria Carvalho Fontenele.**

**1. Indústria têxtil. 2. Comércio internacional. I. Título.**

**CDD 330**

---

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2014**

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na biblioteca da Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Data da aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

**Ricardo José Vilar de Brito Junior**

---

**Profa. Ana Maria Fontenele  
Orientadora**

---

**Coordenador**

Aos que contribuíram para a concretização deste trabalho, dedico a minha família que me forneceu apoio neste momento.

“A mente que se abre para novas idéias  
jamais retorna ao seu estado original”.

Albert Einstein

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo geral analisar os desafios da indústria têxtil brasileira ante as importações de produtos asiáticos. Atribui-se relevância à investigação pela proposta de se traçar um paralelo entre a indústria têxtil nacional e asiática e como o processo de importação vem se configurando entre ambas, em termos de vantagens e desvantagens. O desenvolvimento do estudo também se justifica pela contribuição que proporcionará ao pesquisador e demais interessados no assunto. Concluiu-se, através do estudo de caso e da análise e discussão dos resultados, que a empresa objeto de investigação funcionou, em sua estratégia, como um financiador de clientes. Em linhas gerais, constatou-se a urgência por parte do governo brasileiro no sentido de adotar condições para que os produtos têxteis nacionais sejam disponibilizados no mercado doméstico a preços competitivos aos itens importados. A necessidade surge quando eles se mostram pouco competitivos, principalmente quando comparados aos países asiáticos, que são, em média, até 30% mais baratos.

**Palavras-chave:** Indústria têxtil e de confecções. Países Asiáticos. Barreiras nacionais às importações.

## ABSTRACT

This study aimed at analyzing the challenges of the Brazilian textile industry against imports of Asian products. Relevance is attributed to research by the proposal to draw a parallel between the domestic textile industry and as Asian and the import process is shaping up between them in terms of advantages and disadvantages. The development of the study is also justified by the contribution they provide to researchers and others interested in the subject it was concluded, through case study and analysis and discussion of results, the company under investigation worked in this strategy, as a funder of customers. In general, there was the urgency of the Brazilian government in order to adopt conditions for the domestic textile products are available in the domestic market at prices competitive with imported items. The need arises when they show little competitive, especially when compared to Asian countries, which are on average 30% cheaper.

**Keywords:** Textile and apparel. Asian Countries. National barriers to imports.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 Estrutura da cadeia produtiva têxtil e de confecções.....</b>	<b>16</b>
<b>Quadro 2 - Principais origens das importações brasileiras de produtos têxteis e confeccionados (em valor – exclui a fibra de algodão).....</b>	<b>26</b>



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 Balança comercial brasileira de produtos têxteis e confeccionados.....</b>	<b>25</b>
<b>Gráfico 2 Crescimento da participação da China nas importações do Brasil.....</b>	<b>27</b>
<b>Gráfico 3 Evolução do emprego na cadeia têxtil brasileira - 2007-2012....</b>	<b>27</b>
<b>Gráfico 4 Distribuição regional da produção.....</b>	<b>29</b>
<b>Gráfico 5 Crescimento da indústria têxtil nacional e projeção até 2014...</b>	<b>29</b>
<b>Gráfico 6 Crescimento do volume de importação.....</b>	<b>37</b>
<b>Gráfico 7 Fios desenvolvidos no primeiro semestre de 2013 volume.....</b>	<b>39</b>
<b>Gráfico 8 Evolução da carteira de clientes.....</b>	<b>39</b>
<b>Gráfico 9 Faturamento 2008 – 2013.....</b>	<b>40</b>
<b>Gráfico 10 Lucro 2008 – 2013 .....</b>	<b>40</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 Produção mundial de têxteis e vestuário – 2010 (em 1.000 toneladas).....</b>	<b>19</b>
<b>Tabela 2 Ranking de menor custo de produção da cadeia têxtil da China em relação a outros produtores internacionais – 2013.....</b>	<b>21</b>
<b>Tabela 3 Produção de produtos têxteis por segmentos – anos 90.....</b>	<b>24</b>
<b>Tabela 4 Importações brasileiras de artigos têxteis (em ton.).....</b>	<b>30</b>
<b>Tabela 5 Preços médios dos produtos nacionais e importados.....</b>	<b>31</b>
<b>Tabela 6 - Plano Brasil Maior: metas.....</b>	<b>34</b>



## **SIGLAS**

**OMC: Organização Mundial do Comércio**

**GATT: General Agreement on Tariffs and Trade**

**ABIT: Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção**

**FIESP: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo**

**MDIC: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**

**IEMI: Instituto de Estudos e Marketing Industrial**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Contextualização/Problema.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Objetivos.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3 Justificativa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.4 Metodologia.....</b>	<b>13</b>
<b>1.5 Estrutura do Trabalho.....</b>	<b>15</b>
<b>2 PANORAMA DA INDÚSTRIA TÊXTIL COM ÊNFASE NOS PAÍSES ASIÁTICOS.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1 A China e sua Indústria Têxtil.....</b>	<b>20</b>
<b>3 A INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 As Barreiras Nacionais na Importação de Têxteis.....</b>	<b>30</b>
<b>4 PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1 Apresentação da Empresa.....</b>	<b>36</b>
<b>4.2 Resultados e Análises.....</b>	<b>37</b>
4.2.1 Importação.....	37
4.2.2 Inovação.....	38
<b>5 CONCLUSÕES.....</b>	<b>41</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXO A – LEGISLAÇÃO DE IMPORTAÇÃO SOB ENCOMENDA.....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA PARA ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Com a abertura do mercado brasileiro, os setores industrial, comercial e agrícola sofrem o impacto da concorrência internacional que chega ao país agregando novas tecnologias, novos processos, maquinários de ponta, além de outras vantagens competitivas, exigindo das empresas nacionais uma rápida adaptação a esta nova realidade de mercado.

Nestes termos, a alocação de produtos ou serviços de outros países, no comércio internacional conhecido como *outsourcing*, tem sido uma prática constante em diferentes segmentos da indústria e, cujas razões são justificadas a partir de algumas vantagens, a exemplo da redução dos custos com mão-de-obra e a consequente maximização da lucratividade.

Especificamente em se tratando da indústria têxtil, tem-se que esta compreende um segmento dinâmico e em constante mutação e sujeito à influência de grande número de variáveis. Diante de tal realidade, as empresas inseridas neste segmento necessitam de constante atualização para que possam acompanhar as necessidades e exigências dos mercados globalizados, exigindo, além de renovação constante, flexibilidade em seus processos.

A partir do exposto, advém o seguinte questionamento: quais as vantagens e desvantagens do incremento das importações, na indústria têxtil nacional, de produtos oriundos dos países asiáticos?

### 1.2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar os desafios da indústria têxtil brasileira ante as importações de produtos asiáticos.

Por sua vez, os objetivos secundários configuram-se da seguinte forma:

- Caracterizar a indústria têxtil nacional e asiática;
- Identificar os fatores de vantagens e desvantagens incorridas das importações para a indústria nacional;
- Apresentar os resultados advindos da aplicação de um estudo de caso.

### **1.3 Justificativa**

No Brasil, a indústria têxtil constitui um dos mais relevantes segmentos da economia, tanto pelo seu elevado e diversificado volume de produção, geração de empregos e de tributos, quanto pela estrutura de comercialização, fatos estes que levou o país à posição de um dos maiores pólos mundiais do setor.

Ocorre que, a partir do ano de 2006, após a introdução das cotas para produtos advindos da China, as importações de produtos têxteis asiáticos foram alavancadas e até os dias atuais permanecem crescentes no mercado industrial brasileiro e, por assim ser, requer deste, alta velocidade de reação.

Portanto, entende-se ser este estudo relevante pela proposta de se traçar um paralelo entre a indústria têxtil nacional e asiática e como o processo de importação vem se configurando entre ambas, em termos de vantagens e desvantagens.

### **1.4 Metodologia**

A presente pesquisa é do tipo bibliográfica exploratória que segundo Gil (1991) tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, caracterizando-se por um planejamento bastante flexível e, por ser assim, possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativo ao fato estudado. Nestes termos, inicialmente, foi-se buscar o referencial teórico, através da leitura de livros, artigos e periódicos, a opinião de diversos autores acerca do tema.

No sentido de traçar um paralelo entre teoria e prática, em seguida recorreu-se a um estudo de caso o qual envolveu a aplicação de entrevista junto a dois gestores do estabelecimento inserido no segmento da indústria têxtil do Estado do Ceará, no período de 27 a 28 de maio de 2014.

Para atingir os propósitos desse estudo optou-se por uma forma de abordagem através da utilização de entrevista semi-estruturada que, na concepção de Triviños (1997), caracteriza-se pela formulação de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses relacionados ao tema da pesquisa, contendo

perguntas abertas de natureza qualitativas e quantitativas.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002, p.65),

a entrevista qualitativa, [...], fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Por sua vez, a pesquisa quantitativa fornece descrições acerca de uma realidade específica, auxiliando o pesquisador a superar concepções iniciais e a gerar ou revisar as estruturas teóricas adotadas anteriormente, fornecendo base para descrições e explicações ricas de contextos específicos. (TRIVIÑOS, 1997)

A combinação e análises de informações de diferentes modalidades de pesquisa, abrangendo fontes secundárias e primárias permite confrontar diferentes fontes, representam visões diversas, complementares e antagônicas, sobre uma mesma questão.

Com essa visão foram adotados, basicamente, os métodos e técnicas de pesquisas discriminadas a seguir:

- Pesquisa documental;
- Pesquisa via internet;
- Levantamento de dados secundários;
- Pesquisa através de entrevistas diretas, in loco, utilizando como instrumento de coleta de dados um questionário semi-estruturado, com questões abertas.

Conforme já exposto, os dados foram colhidos no período de 27 a 28 de maio de 2014 junto a dois gestores de empresa, após consentimento dos mesmos mediante contatos pessoais e telefônicos para marcar data e horário convenientes para aplicação da entrevista. Ressalta-se que a ida ao campo foi fundamental, porque orientou e direcionou o autor no sentido do cumprimento dos objetivos delineados, tendo o roteiro priorizado os seguintes critérios: movimento das importações, fios desenvolvidos como critérios de inovações, evolução da carteira de clientes e o conseqüente faturamento da empresa.

Para análise dos dados utilizou-se estatística descritiva, através de gráficos, sínteses numéricas e conceitos teóricos importantes, que se relacionam ao estudo em questão.



## 1.5 Estrutura do Trabalho

Além deste capítulo introdutório, a pesquisa foi estruturada da seguinte forma:

No segundo e terceiro capítulos tem-se a revisão de literatura com abordagens acerca da indústria têxtil nacional e asiática, além da legislação específica de importação.

Por sua vez, o quarto capítulo apresenta a caracterização de uma empresa envolvida e os resultados obtidos mediante aplicação de uma entrevista semi estruturada.

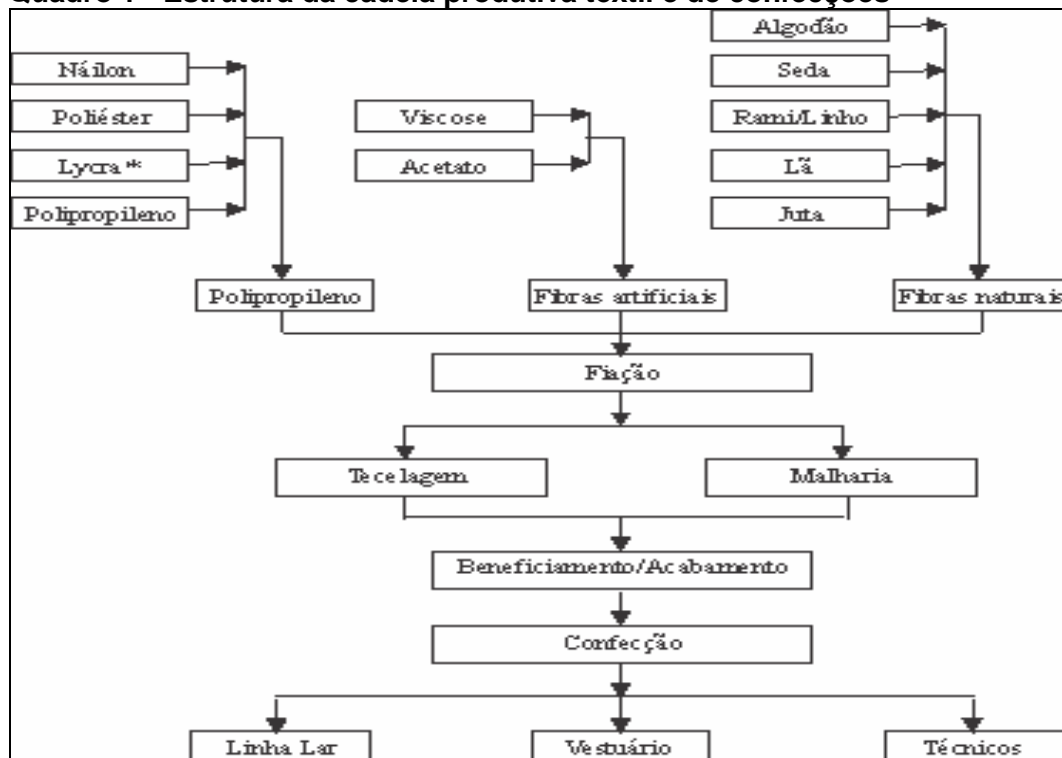
Por fim, têm-se as conclusões (quinto capítulo) e as referências que embasaram teoricamente a pesquisa.

## 2. PANORAMA DA INDÚSTRIA TÊXTIL COM ÊNFASE NOS PAÍSES ASIÁTICOS

Neste capítulo serão inicialmente apresentados os atores da cadeia produtiva do setor têxtil e como eles estão inter-relacionados. Para um entendimento ainda mais detalhado do ambiente deste setor, serão expostos também fatores econômicos que influenciam nas decisões estratégicas tomadas pelas organizações.

A cadeia têxtil é composta por seis elos, quais sejam: beneficiamento de fibras têxteis naturais, fiação e tecelagem de têxteis químicos, outras indústrias de tecelagem, malharia e vestuário. Considerando que este estudo prioriza a indústria têxtil, por sua vez, composta por fiação, tecelagem, malharia, acabamento/beneficiamento e confecção, oportuno expor seu fluxograma resumido, a partir de Costa e Rocha (2009).

**Quadro 1 - Estrutura da cadeia produtiva têxtil e de confecções**



Fonte: Costa; Rocha, 2009, p.5

A cadeia produtiva de têxtil e de confecções tem início com a transformação de matérias-primas (fibras) em fios, os quais são utilizados na produção de tecidos/malharias que, por sua vez, seguem para o processo de acabamento, para, então, atingir a última etapa, ou seja, confecção. A partir de

então, ocorre a comercialização assumindo as formas de varejo e/ou atacado.

Ainda em conformidade com Costa e Rocha (2009), a etapa que antecede a comercialização, ou seja, a de confecções, merece atenção especial em virtude da diversidade de produtos e seguimento de tendências. A dinâmica da moda configura um ambiente de rápida mutação, sujeito à influência de grande número de variáveis e, neste contexto, as empresas inseridas neste segmento necessitam de constante atualização para que possam acompanhar as necessidades dos clientes, exigindo dos investidores, criatividade, vitalidade, renovação constante de ideias e, conseqüentemente, formação e treinamento contínuos. Acrescenta-se ainda que, considerando a inexistência de garantia de que o consumidor final irá aceitar os produtos oferecidos, as empresas seguem pistas, sugestões e opiniões por ocasião do lançamento de novas coleções.

As empresas de confecção trabalham sobre uma coleção de modelos que atende aos requisitos da moda e têm vida útil de curta duração. A criação das coleções é realizada após um período de pesquisa das tendências da alta costura, das previsões das revistas especializadas e do que é exposto nas feiras internacionais da moda. O projeto da coleção é seguido da fabricação de protótipos, de sua análise de viabilidade comercial, industrial e financeira, e de uma previsão de vendas. Fruto das análises de viabilidade e da previsão de vendas, procede-se às correções sugeridas nos protótipos e às compras das matérias-primas e acessórios correspondentes (NUNES, 2009, p.6)

Costa e Rocha (2009) ressaltam que cada vendedor ou representante comercial das empresas trabalha com um mostruário completo da coleção em venda. A direção comercial faz um pré-lançamento da coleção, apresentando-a aos 20% dos clientes que respondem por 80% das vendas. Um ajuste na previsão de vendas é feito. Em seguida se procede ao balanceamento das linhas de produção, definição das sequências de fabricação e determinação dos custos previstos e preços de venda.

Um terço da previsão de vendas é usualmente fabricado antes do início das vendas aos varejistas. Após os primeiros resultados das vendas se promove novo ajuste nas sequências de fabricação para a totalidade dos produtos que restam.

Conforme já exposto, a indústria de confecção encontra-se situada na posição final do processo industrial da cadeia têxtil, pois possui empresas industriais como fornecedores e empresas comerciais como clientes, tendo, portanto, que lidar

com formas distintas em termos de organização. A primeira constitui-se de fornecedores (empresas industriais) os quais visam à continuidade dos negócios e buscam a eficiência através da produção padronizada. A segunda, clientes (empresas comerciais), buscam a variedade e são oportunistas para conseguir bons negócios, mesmo em prejuízo das relações com as confecções que os suprem. (COSTA; ROCHA, 2009)

É possível perceber a complexidade que permeia a cadeia têxtil, uma vez que, embora cada etapa encontre-se interligada e o produto final de cada uma represente o insumo para a seguinte, quando analisadas em separado, representam um segmento industrial específico.

Segundo Barbosa (2013), a produção mundial de têxteis, na qual se inserem fios, filamentos, tecidos, malhas, artigos de linha lar, especialidades e confeccionados, atingiu em torno de 76 milhões de toneladas no ano de 2010, ressaltando-se que, 45,6 milhões de toneladas do referido volume, corresponde à produção de artigos de vestuários.

Atualmente, mais de 44% da produção de têxteis e quase 47% da produção mundial de vestuário é realizada na China. Nos últimos 20 anos houve uma forte concentração da produção nos países da Ásia, atualmente responsáveis por 73% dos volumes totais com destaque para a China, Índia, Paquistão, Coreia do Sul, Taiwan, Indonésia, Malásia, Tailândia e Bangladesh, entre outros. O Brasil ocupa a 4ª posição entre os maiores produtores de vestuário e a 5ª posição entre os maiores produtores de manufaturados têxteis. Tem a 5ª maior em produção de algodão, a principal matéria prima utilizada no Brasil pela nossa indústria têxtil. Já em 2009 o Brasil passou a ocupar a 4ª posição entre os maiores produtores de vestuário e 5ª posição em manufaturados têxteis. A queda de produção se deu devido a crise nos Estados Unidos e Europa que atingiu as indústrias têxteis de vários países. (BARBOSA, 2013, p.20)

Acrescenta-se que, há algumas décadas, Hong Kong, Taiwan e Coreia dominavam o segmento de têxteis e confecções, suprindo os mercados dos países desenvolvidos, a exemplo dos Estados Unidos e Europa. Contudo, ao final dos anos 80 e decorrer da década de 90, a China e alguns países do sudeste e sul asiático adquiriram a hegemonia. (BRAGA, 2005)

Na tabela 1, expõe-se um comparativo dos principais produtores de têxteis e vestuário.

**Tabela 1 - Produção mundial de têxteis e vestuário – 2010 (em 1.000 toneladas)**

Têxteis			Vestuário		
Países	Produção	%	Países	Produção	%
1 China	38.561	51%	1 China	21.175	46,40%
2 Índia	5.793	7,60%	2 Índia	3.119	6,80%
3 Estados Unidos	4.021	5,30%	3 Paquistão	1.523	3,30%
4 Paquistão	2.820	3,70%	<b>4 Brasil</b>	<b>1.271</b>	<b>2,80%</b>
<b>5 Brasil</b>	<b>2.249</b>	<b>3%</b>	5 Turquia	1.145	2,50%
6 Indonésia	1.899	2,50%	6 Coréia do Sul	990	2,20%
7 Taiwan	1.815	2,40%	7 México	973	2,10%
8 Turquia	1.447	1,90%	8 Itália	935	2%
9 Coréia do Sul	1.401	1,80%	9 Malásia	692	1,50%
10 Tailândia	902	1,20%	10 Polônia	664	1,50%
11 México	748	1%	11 Taiwan	638	1,40%
12 Bangladesh	686	0,90%	12 Romênia	549	1,20%
13 Itália	660	0,90%	13 Indonésia	505	1,10%
14 Rússia	516	0,70%	14 Tailândia	467	1%
15 Alemanha	456	0,60%	15 Bangladesh	466	1%
Subtotal	63.974	84,20%	Subtotal	35.112	76,90%
Outros	12.105	15,80%	Outros	10.535	23,10%
Total	76.079	100%	Total	45.647	100%

**Fonte:** Mehler, 2013

É válido notar que, dentre os quinze maiores produtores de têxteis/vestuário no ano em análise, a Ásia é representada por sete países, vindo a reafirmar a força deste continente, o qual também se sobressai no quesito exportação do segmento de que aqui se trata.

A larga produção asiática e a facilidade de escoamento de seus produtos se dão principalmente ao baixo custo de mão-de-obra, numa menor carga tributária aplicada e às políticas governamentais de apoio.

A supramencionada realidade advém da ascensão da China no comércio internacional, decorrente, principalmente, do fim do Acordo de Têxteis e Vestuários (ATV)<sup>1</sup> ocorrido em 2005. Com o referido advento, a China ascendeu no comércio internacional e suas exportações passaram de 8% do total exportado, em 1995, para 25%, em 2006.

Frente à representatividade que a China assume em âmbito mundial o tópico que se segue contemplará sua caracterização e motivos da ascensão.

<sup>1</sup> O Acordo sobre Têxteis e Vestuário (ATV) da OMC tem por objetivo formular meios que permitam a integração do setor têxtil às regras e disciplinas do GATT, contribuindo para o objetivo de maior liberalização do comércio, através da redução e eliminação das quotas previamente estabelecida.

## 2.1 A China e sua Indústria Têxtil

A história da China sempre exerceu fascínio, uma vez que no decorrer de sua existência, inúmeras foram as contribuições para a humanidade, podendo-se mencionar, dentre outras, o descobrimento da bússola, da pólvora e da seda. Apesar de tais fatos, durante muito tempo o referido país permaneceu fechado para o resto do mundo em virtude da adoção do regime socialista ditatorial o qual perdurou por quase três décadas, trazendo consequências econômicas negativas e, como forma de minimizar tais efeitos, em 1978 deu-se a abertura de suas fronteiras. (CHUNG, 2005)

A imagem da China no “mundo” se alterou de tal forma que, se antes a expressão “vai para China” era utilizada com um significado de certa forma “pejorativo”, hoje, essa mesma expressão reflete as intenções de empresas de diferentes países do mundo, que se sentem, por um lado, pressionadas pela competição chinesa e, por outro, deslumbradas com as grandes oportunidades de negócios que esse país oferece. (FERRETI, 2006, p.37)

O advento de que aqui se trata trouxe em seu bojo o aumento do fluxo de capital mundial rumo à China e corporações dos mais diversos lugares passaram a visualizar as possíveis vantagens de investir nesse novo mercado. Em linhas gerais, ainda que esbarre em algumas barreiras tanto de cunho político quanto social, a economia chinesa é a que mais tem apresentado crescimento econômico mundial quando comparada às demais, com Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 8,28 trilhões no ano de 2012, o que representa um crescimento de 7,8% elevando o país à segunda maior economia do mundo. (FERRETI, 2006; JORNAL DE NOTÍCIAS, 2014)

Oportuno acrescentar que a quase totalidade das cidades chinesas é possuidora de estruturas industriais específicas, isto é, em cada uma existe concentração de indústrias para a produção de determinado bem, resultando em elevada quantidade de produtos chineses espalhados por todas as partes do mundo e, por consequência, os esforços de produtores de outras regiões para manterem-se em níveis competitivos. (FISHMAN, 2006)

Diferente do que muitos pensam, ainda que a mão-de-obra chinesa se apresente como um dos principais fatores que justificam, conjuntamente com o

grande fluxo de investimento estrangeiro e os incentivos fiscais sua ascensão, em verdade, sua mão-de-obra não é a mais barata do mundo.

O que ocorre, de acordo com Fishman (2006) é que, além de uma força de trabalho confiável e competente, existe a constante migração de habitantes do campo para as cidades, fazendo com que a abundância de mão-de-obra incida diretamente na baixa de salários.

A opinião geral sobre o desenvolvimento econômico da China é que ele evolui lentamente das indústrias agrárias para as empresas dedicadas a produtos de base com pouco valor agregado e baixa tecnologia, passando em seguida para indústrias manufatureiras sofisticadas e serviços. O desenvolvimento da China é tão compacto e parece invadir a manufatura barata com tanta rapidez que as novas fábricas chinesas, às centenas e aos milhares, avassalaram a concorrência. (FISHMAN, 2006, p.84)

Ainda acerca das causas da alavancagem da China no setor, Costa, Conte e Conte (2013) apontam, além do custo reduzido da energia, também a produção própria de matérias-primas e outros insumos importantes que grande parcela de seus concorrentes não possui e precisam importar.

Fato é que a China, conforme Ferreti (2006), em decorrência das pressões relacionadas à redução de preços e salários, acaba por provocar o fechamento de muitos negócios espalhados pelo mundo e, em específico na indústria têxtil, de acordo com dados da Associação Americana de Produtores Têxteis, entre os anos de 2003 a 2006, ocorreu nos Estados Unidos o fechamento de pelo menos uma fábrica por dia, fato não muito diferente na Europa. Diante disto, uma das saídas para a permanência da concorrência no mercado, é a busca de parcerias com a China, mediante, por exemplo, a transferência de parte da produção para o referido país.

Para que se tenha uma noção mais precisa do crescimento da participação da China por meio das exportações de têxteis e confecção, consequência do baixo custo de produção, tem-se o demonstrativo na tabela 2 que se segue.

**Tabela 2 – Ranking de menor custo de produção da cadeia têxtil da China em relação a outros produtores internacionais – 2013**

<b>Produto</b>	<b>Unidade</b>	<b>Custo</b>	<b>Posição</b>
Fio de filatório de anel	US\$/kg	1,08	1º
Fio <i>Open End</i> (OE)	US\$/kg	0,83	1º
Continua			

Continuação			
Fio texturizado	US\$/kg	0,31	1º
Tecido plano (fio anel)	US\$/jd	0,22	2º
Tecido plano (fio OE)	US\$/jd	0,22	2º
Tecido plano (fio texturizado)	US\$/jd	0,37	1º
Malha (fio anel)	US\$/jd	0,08	1º
Malha (fio OE)	US\$/jd	0,04	1º
Malha (fio texturizado)	US\$/jd	0,04	1º

**Fonte:** Costa; Conte; Conte, 2013

A partir da tabela 2 pode-se afirmar que, em se tratando das nove categorias de têxteis, a China se situa na condição de país mais competitivo em sete delas, valendo ressaltar que o Brasil posiciona-se em primeiro do ranking em duas categorias: tecido plano (fio anel) e tecido plano (fio OE). (COSTA; CONTE; CONTE, 2013)

Acrescenta-se ainda que, em se tratando apenas do segmento vestuário, no qual a mão-de-obra apresenta-se enquanto a principal variável na competitividade, a Ásia (China e Hong Kong) encontra-se disparada na produção mundial. Costa e Rocha (2009, p.9), assim explicam a elevada competitividade da cadeia TC chinesa:

A indústria têxtil stricto sensu é uma indústria de baixa tecnologia, não havendo fortes barreiras de entrada. A tecnologia é difundida e disponível no mercado mundial. Entre as empresas líderes dos diferentes países, não há um distanciamento tecnológico radical. Por essa razão, os dois insumos do processo produtivo – mão-de-obra e matéria-prima – desempenham um papel crucial na definição da competitividade dessa indústria. A mão-de-obra, na China, é superabundante e de baixo custo. No caso das matérias-primas, algodão e poliéster, a China também goza de uma situação privilegiada, principalmente no que diz respeito ao poliéster. Além disso, produz domesticamente máquinas têxteis de última geração.

Frente às vantagens supramencionadas, as empresas dos países desenvolvidos dirigem seus esforços produtivos para outras instâncias produtivas e com maior valor agregado, podendo-se mencionar o design e o marketing. Em verdade, estes se situam como pólos orientadores da moda mundial e buscam competir com a diferenciação de produtos e conquista de nichos específicos, e não somente preços baixos. Dessa forma, aumenta significativamente a importância dos Desejos e limites financeiros do consumidor final como guia fundamental da estratégia competitiva de mercado.



### 3. A INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL

No Brasil, segundo afirmações de Kon e Coan (2004, p.14), a indústria têxtil teve seu surgimento no período colonial vindo a atingir o desenvolvimento propriamente dito, somente a partir do século XX. No entanto, a maturidade ocorreu nos anos 40, período de elevado dinamismo “que lhe conferiu a posição de segundo lugar na produção têxtil mundial, e de exportar para grande parte do mundo, por ocasião da Segunda Guerra Mundial”.

Em se tratando da produção industrial têxtil interna, nos anos 50 a mesma representava 25% da força de trabalho e aproximadamente 20% do montante da produção industrial. Mas, foi na década de 90, que o país efetivamente lançou-se no mercado mundial, consequência da liberação comercial. Sobre a abertura comercial, Kon e Coan (2004, p.14) comentam:

A carência de investimentos que ocorreu nos anos 1980, em virtude da estagnação econômica registrada dos primeiros anos até 1983, bem como a continuidade dos desequilíbrios, que persistiu no resto da década, tiveram papel fundamental para o cenário econômico em que se encontrava a indústria quando se iniciou o processo de abertura comercial. A indústria têxtil foi um dos setores que mais sofreu com a crise que desencadeou a obsolescência do parque industrial brasileiro, gerando um gap tecnológico em relação ao mundo, e, principalmente, em relação aos países asiáticos, que se tornaram grandes produtores e exportadores, criando sérias dificuldades para esta indústria no Brasil no período seguinte, por ocasião da abertura comercial.

Tanto as medidas adotadas em apoio à abertura do comércio, bem como os incentivos à produção nacional e políticas que vislumbravam a estabilização da inflação vieram a contribuir significativamente para o incremento da indústria têxtil no país, onde foi possível perceber transformações em níveis estruturais e de concorrência externa. (GORINI, 2000)

Ainda segundo Gorini (2000), em contrapartida, o referido processo de reestruturação resultou no declínio da produção em alguns segmentos, como no caso dos tecidos planos<sup>2</sup>, resultando no fechamento de muitas empresas, mais

---

<sup>2</sup> Resultantes do entrelaçamento de dois conjuntos de fios que se cruzam em ângulo reto. Os fios dispostos no sentido horizontal são chamados de fios de "trama" e os fios dispostos no sentido vertical são chamados de "urdume". Dividem-se em sub-classes: tecidos simples – formados por um conjunto de fios de urdume e um conjunto de fios de trama; tecidos compostos – mais de um conjunto de fios de urdimento e um ou mais conjuntos de trama;

especificamente aquelas voltadas à produção de tecidos sintéticos, atingidos diretamente pelas importações asiáticas. No sentido de minimizar o problema, a indústria têxtil nacional passou a produzir malhas de algodão em maior escala, cujas vantagens consistiam na necessidade de menores investimentos e o preço dos produtos são mais baixos.

Em linhas gerais, no decorrer da década de 90, o crescimento da indústria têxtil do Brasil não atingiu índices significativos, uma vez que a média apresentou-se e torno de 6% a 7% ao ano. Ainda sobre a década de que aqui se trata, Kon e Coan (2004, p.16) acrescentam:

No período compreendido entre 1990 a 1999, com exceção da produção de malhas, que teve um crescimento razoável de 29,7%, o que representou uma média anual de 2,96%, os outros principais produtos têxteis tiveram crescimento muito pequeno. A produção de fios teve um aumento de apenas 6,1% em todo o período, representando uma elevação média anual de 0,6%. Por sua vez, a produção de tecidos teve um crescimento ainda menor de 4,6% no período, o que não chegou à média anual de 0,5%.

A Tabela 3 fornece uma noção detalhada acerca da produção na década de 90.

**Tabela 3 - Produção de produtos têxteis por segmentos – anos 90**

Segmentos	1990 (Mil t.)	1999 (Mil t.)	Varição (1990-1999%)
Fibras	1.028	943	-8,3
Fios	1.141	1.210	6,1
Tecidos	803	840	4,6
Malhas	319	414	29,7

**Fonte:** Kon; Coan, 2004, p.19

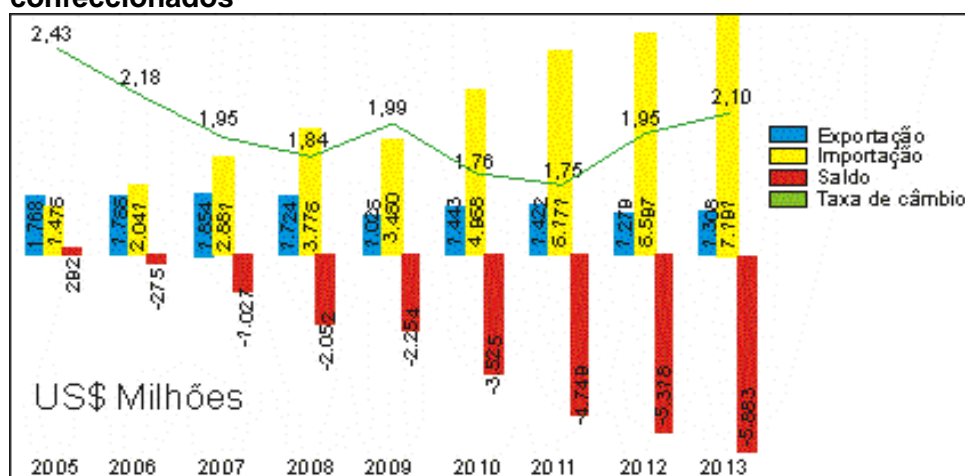
Ainda nessa década, ocorreu um decréscimo acentuado na produção nacional de algodão, este, nativo do país e insumo indispensável à sobrevivência do setor têxtil nacional. Até então, o Brasil sempre se posicionou enquanto grande exportador deste insumo, mas, em virtude de uma praga que veio a comprometer a produção, bem como da facilidade da importação do insumo, decorrente da abertura comercial, a situação inverteu-se, voltando a estabilizar-se novamente a partir de 1998. (KON; COAN, 2004)

Atualmente, conforme já exposto na tabela 1, o Brasil ocupa a 5<sup>a</sup> posição na produção de têxteis e a 4<sup>a</sup> na de confecção em âmbito mundial. A estes dados acrescenta-se que os principais produtos exportados pelo país são as fibras

naturais, enquanto que os mais importados são os filamentos de poliéster e os tecidos planos sintéticos.

Até o ano de 2005, a balança comercial brasileira do setor têxtil e de confecção era superavitária. A partir de 2006, quando as importações começam a ganhar força, impulsionadas por um câmbio cada vez mais favorável aos concorrentes, o déficit passou a tomar proporções nunca antes observadas e que aumentam a cada ano que passa. (MDIC, 2013)

**Gráfico 1 - Balança comercial brasileira de produtos têxteis e confeccionados**



Fonte: MDIC, 2013

As exportações do Brasil, de forma generalizada, têm como principais destinos a Argentina, EUA, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Especificamente em se tratando das exportações para a Argentina, tem-se que o quantitativo no período compreendido entre 2010-2012 sofreu redução de 14% em decorrência dos embargos que o referido país criou para os exportares brasileiros. (ABIT, 2013)

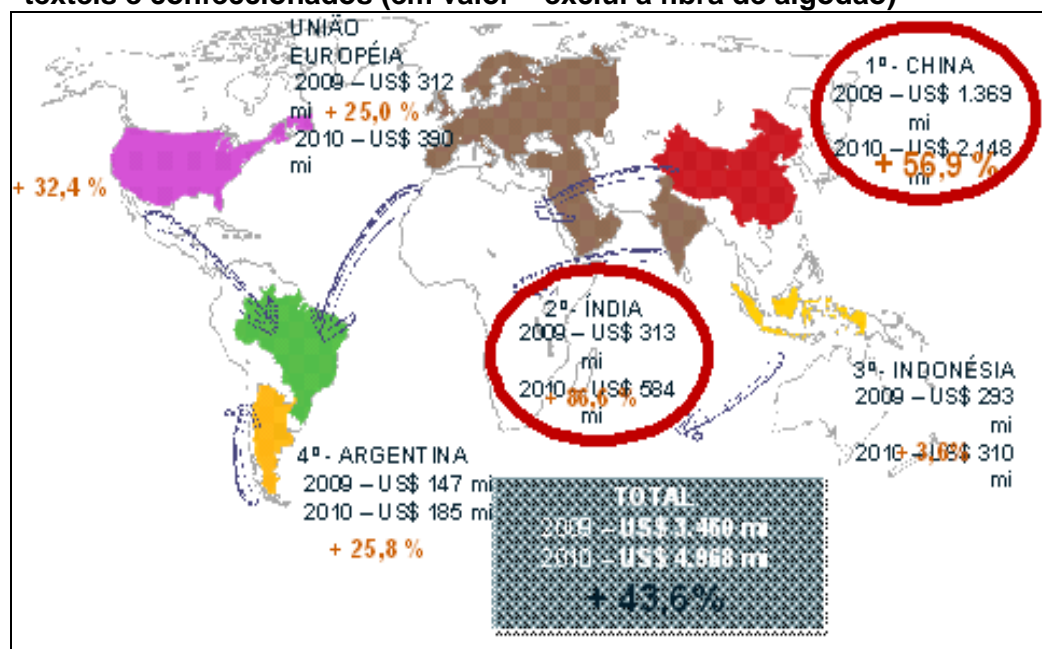
Importante enfatizar que, anteriormente, os Estados Unidos lideravam o ranking do destino das exportações brasileiras, mas, com o fim do ATV, a China passou a assumir a liderança de boa parcela do mercado norte americano o que, conseqüentemente, diminuiu a participação brasileira que, por sua vez, maximizou sua participação na América Latina.

De forma geral, conforme o MDIC (2013), o incremento das exportações tem sido prioridade enquanto possibilidade de retomada do crescimento da economia, uma vez que a participação das exportações brasileiras no mercado mundial não corresponde às dimensões econômicas do país.

No âmbito das importações, oportuno expor as principais origens das

importações brasileiras de produtos têxteis e confeccionados, conforme o Quadro a seguir.

**Quadro 2 - Principais origens das importações brasileiras de produtos têxteis e confeccionados (em valor – exclui a fibra de algodão)**



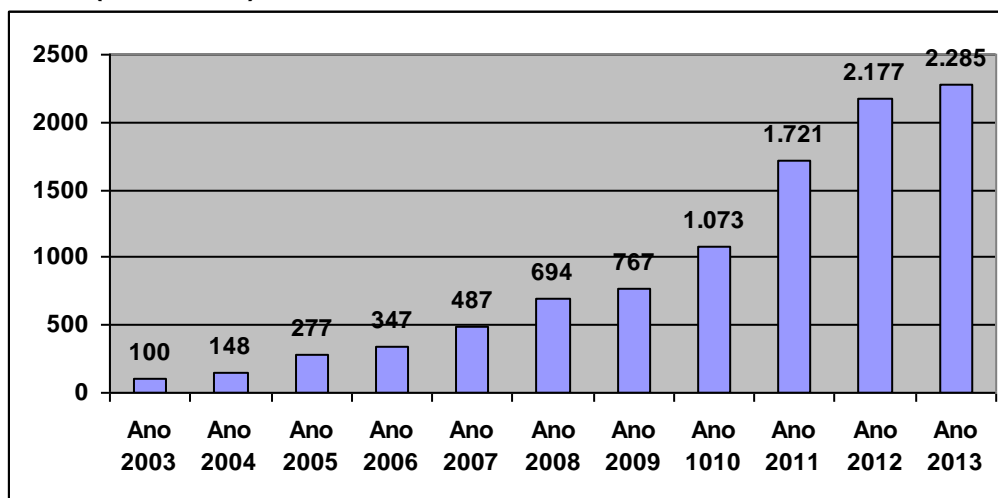
Fonte: MDIC, 2013

Segundo afirmações de Costa, Conte e Conte (2013), nas importações do Brasil, a China apresenta maior participação em duas fibras naturais (seda, com 69,8% e algodão, com 35,2% do total importado) e nos filamentos químicos (27,3%). Também merecem ressalva o Uruguai e a Itália enquanto fornecedores de lã para o Brasil, respectivamente, com 44% e 20,8% de participação.

A liderança da China diante das importações de fibras e filamentos do Brasil mostra que as fiações estão buscando diminuir custos, principalmente no que se refere à aquisição de matéria prima, nem sempre existente no país para suprir as demandas produtivas do elo em questão. Assim, a evolução das importações brasileiras em fios, fibras e filamentos, cuja origem é a China, acaba por refletir nos custos dos demais elos, como o têxtil e o de confecções, ou seja, adquirindo a matéria prima a um custo menor, esta chega aos demais elos com um valor mais competitivo do que se fosse manufaturada no Brasil. (COSTA; CONTE; CONTE, 2013, p.26)

Entre 2009 e 2010 houve um incremento de 43,6% no registro oficial de entrada de produtos têxteis no Brasil. A China, a partir de 2003 apresentou crescimento exponencial de participação, de acordo com o exposto no gráfico a seguir.

**Gráfico 2 – Crescimento da participação da China nas importações do Brasil ( toneladas)**

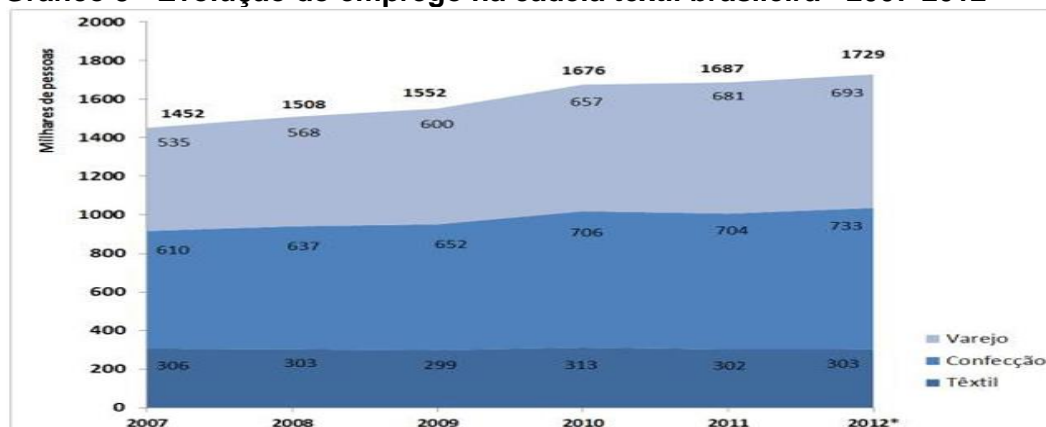


Fonte: MDIC, 2013

A cadeia de produtos têxteis e de vestuário encontra-se em estágios diferenciados em relação à concentração geográfica das firmas produtoras, tendo em consideração os grupos produtores. Os grupos especializados em produtos que utilizam fibras sintéticas são compostos por firmas ineficientes e de pequeno porte, com baixa capacidade de competição internacional. Com relação ao grupo de empresas especializadas em produtos de algodão, existe grande concentração da produção e das exportações em poucas empresas, que possuem competitividade internacional.

Com relação à geração de emprego, pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas indicou que o índice de empregabilidade formal superou a marca de 1,7 milhão de postos de trabalho no ano de 2012, representando 3,7% do total de empregos formais ativos no país. (ADMINISTRADORES.COM, 2013)

**Gráfico 3 - Evolução do emprego na cadeia têxtil brasileira - 2007-2012**



Fonte: Administradores.com, 2013

No Gráfico 3, verifica-se níveis de crescimento médio da ordem de 3,6% a.a., significando a criação de 277 mil novos empregos no período. A dinâmica do emprego em cada um dos segmentos foi bastante distinta.

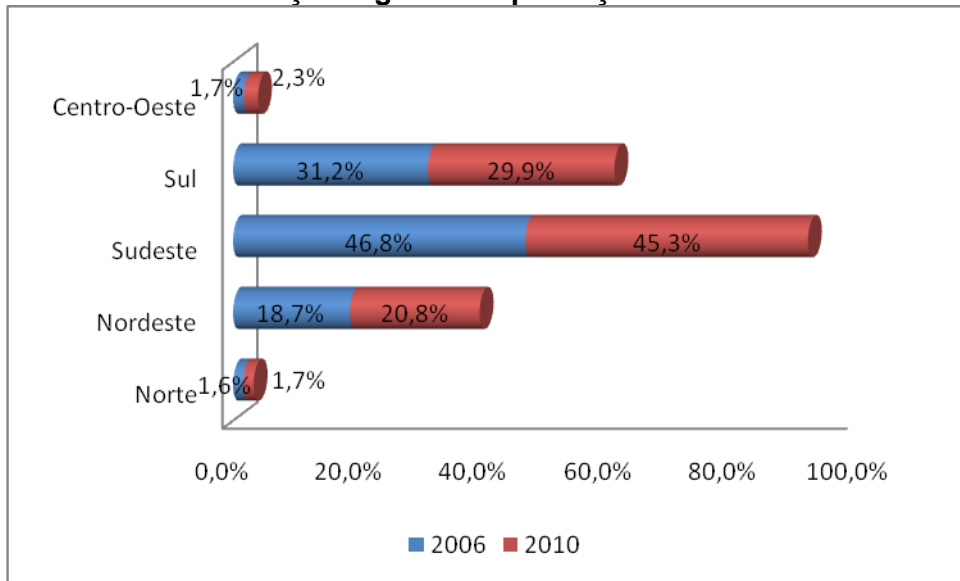
No setor têxtil, nota-se a estabilização do emprego. Já na indústria de confecção, o crescimento foi de 3,7% ao ano em média e foram criados 123 mil postos de trabalho formais no período. A grande expansão do emprego formal, isto é, com carteira de trabalho assinada, se deu no varejo, com 5,3% de crescimento médio ao ano e a criação de 157 mil postos de trabalho formais. (ADMINISTRADORES.COM, 2013, p.2)

Outra consideração merecedora de ressalva na cadeia têxtil nacional se refere à existência de pólos de produção localizados em regiões específicas (Sul e Sudeste), com destaque em níveis estaduais para São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. São Paulo, atualmente o maior centro produtor do país, concentra os principais ativos intangíveis (moda e marketing, por exemplo) e o maior varejo de luxo.

Um dos principais pólos do estado São Paulo é a cidade de Americana, com especialização na produção de tecidos artificiais e sintéticos. Em Santa Catarina concentram-se a produção de malhas e Linha Lar, com predominância para o pólo de Blumenau, localizado no Vale do Itajaí. (IEMI, 2011)

No ano de 1990 ocorreu uma migração massiva de grandes empresas inseridas na cadeia têxtil para os estados do Nordeste, consequência da oferta de mão-de-obra mais barata.

Explica Costa e Rocha (2009, p.175) que “essa desconcentração industrial ocorreu com mais intensidade nas etapas intensivas em mão-de-obra e baixa tecnologia”. Porém, no decorrer dos anos 2000, o Sul ganhou destaque em termos de crescimento pelos vantajosos incentivos fiscais oferecidos, bem pela localização que o torna próximo de certos consumidores. O gráfico 4 ilustra a distribuição regional da produção.

**Gráfico 4 - Distribuição regional da produção**

Fonte: IEMI, 2011

Segundo o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES (2010), nenhum setor da indústria de transformação, em função do aumento da produção, tem maior capacidade de gerar empregos do que o setor têxtil e de confecção, com maior incidência para o segmento de confecção com grande parte das empresas concentradas nas regiões sul e sudeste e com participação em ascensão da região nordeste.

Estimativas do Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira (2012) *apud* Barbosa (2013) indica que, em virtude do incremento da renda e da estabilidade da economia, nos próximos 5 (cinco) anos o consumo de têxteis e confeccionados no Brasil aumentará mais 50%. O gráfico que se segue expõe o crescimento do setor no contexto nacional e a projeção até o ano de 2014.

**Gráfico 5 – Crescimento da indústria têxtil nacional e projeção até 2014**

Fonte: Barbosa, 2013

Convém enfatizar que a indústria de têxtil e de confecção depende fortemente das condições de infraestrutura que a sua localidade oferta, uma vez que esta pode incidir na redução de custos, aumento da produtividade, aprimoramento da qualidade dos bens e serviços da estrutura produtiva e consolidação da integração regional.

### 3.1 As Barreiras Nacionais na Importação de Têxteis

Conforme comentários anteriores, a China é um dos países que mais cresce e se desenvolve no mundo, constatação advinda, dentre outros, do alto volume de exportações de seus produtos e a preços competitivos.

A grande participação de países asiáticos na movimentação mundial de matéria-prima e artigos têxteis afeta a cadeia produtiva do setor têxtil no Brasil. Daí a importância de um estudo da influência da entrada de tais bens na cadeia nacional, pois este fato gera vantagens competitivas para atores da cadeia.

**Tabela 4 - Importações brasileiras de artigos têxteis (em ton.)**

Segmento	1995	2000	2006	2007	2008	2009	2010
Fibras/Filamentos	438.259	551.202	385.584	410.108	385.214	341.429	428.713
<i>Têxtil</i>							
Fios/linhas	40.551	31.553	117.589	177.755	206.449	207.224	245.927
Tecidos	94.450	55.788	86.523	99.881	144.219	117.790	180.475
Malhas	10.734	22.274	18.996	58.455	56.215	74.001	120.993
Especialidades	17.453	41.267	71.920	86.088	101.657	80.658	110.126
<i>Confeccionados</i>							
Vestuário	38.847	13.132	32.133	34.522	38.138	41.333	58.630
Meias	2.467	2.719	4.834	5.573	6.970	7.667	9.643
Linha do lar	12.112	10.373	11.200	21.143	35.120	29.549	53.304
Outros	6.169	11.594	19.799	22.906	19.854	16.843	17.950
Total	661.042	739.902	748.578	916.431	993.836	916.494	1.225.761

**Fonte:** IEMI, 2011

Pode-se notar que a importação de artigos confeccionados vem aumentando sensivelmente ao longo dos anos. De 2006 a 2010, houve um aumento de aproximadamente 67% na importação de artigos confeccionados, sendo que



somente na modalidade de vestuário o aumento foi da ordem de 82%.

A tabela 5 a seguir mostra que os preços dos produtos têxteis importados são bem mais baixos que os produzidos no Brasil. Dessa forma, uma das razões que podem justificar a grande demanda por estes produtos importados e consequente aumento no índice de importação dos mesmos é o preço mais barato que os mesmos são comercializados.

**Tabela 5 - Preços médios dos produtos nacionais e importados**

<b>Produtos nacionais (US\$/kg)</b>					
<b>Segmento</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Fios	4,09	4,20	3,74	3,66	4,63
Tecidos	7,91	8,00	6,63	6,58	8,13
Malhas	9,04	9,64	8,85	8,61	10,59
Vestuário	22,86	27,59	31,37	30,45	36,43
Meias	42,39	49,90	55,67	52,90	63,63
Linha lar	11,41	13,02	14,63	14,36	16,74
Outros	8,24	9,19	9,27	9,44	10,41
<b>Produtos importados (US\$/kg)</b>					
Fios	2,43	2,78	2,94	2,83	3,14
Tecidos	3,95	3,94	4,61	4,36	4,62
Malhas	3,69	4,37	4,78	4,57	4,32
Vestuário	10,01	13,04	16,80	17,08	17,04
Meias	5,41	6,65	7,60	7,95	7,7
Linha lar	4,06	4,30	4,74	4,25	3,96
Outros	2,87	3,30	3,87	3,82	4,13

**Fonte:** IEMI, 2011

Di Negri (2005, p.86) comenta que no Brasil existem diversos mecanismos de defesa relacionados comércio de produtos têxteis chineses.

A China é o país contra o qual o Brasil mais aplica medidas de defesa comercial atualmente. Das 53 medidas de defesa comercial aplicadas pelo Brasil, 13 são contra a China. As importações brasileiras provenientes da China, em produtos sob algum tipo de medida de defesa comercial contra esse país, totalizaram aproximadamente US\$ 37 milhões em 2004. Esse valor representa cerca de 1,1% das importações brasileiras da China (aproximadamente US\$ 3,4 bilhões em 2004) e 0,07% dos mais de US\$ 57 bilhões importados pelo Brasil em 2004. Mesmo em 2000, quando alguns desses produtos não estavam sujeitos a medidas de defesa comercial (essencialmente antidumping), as importações desses produtos representavam cerca de 4% das importações brasileiras da China. Assim, parece não ser plausível acreditar que uma mudança processual na forma de cálculo do dumping possa ser responsável por colocar a indústria

brasileira em posição de maior vulnerabilidade a partir do quadro atual. Afinal, os produtos sujeitos, atualmente, a medidas antidumping têm pouca representatividade nas importações brasileiras, e mesmo nas importações provenientes da China.

Algumas medidas protetivas merecedoras de ressalva, as quais são regulamentados pela Organização Mundial do Comércio (OMC), são: medidas antidumping, medidas compensatórias (anti-subsídios) e salvaguardas.

Em se tratando do dumping, tem-se que o mesmo é caracterizado pela comercialização (venda) de um produto no mercado externo a preços mais baixos do que os comercializados pelo exportador no seu próprio mercado. Por sua vez, as medidas compensatórias objetivam proteger a indústria nacional de subsídios específicos dados pelo Estado ao exportador, que tornariam os preços dos produtos exportados artificialmente baixos. Percebe-se, portanto, que ambas voltam-se à proteção da indústria doméstica do comércio desleal (DI NEGRI, 2005).

Já com referência às salvaguardas, objetivando proteger o mercado nacional de abalos financeiros bem como do fechamento de inúmeras vagas de empregos no setor, foram promulgados os Decretos federais n<sup>os</sup> 5.556 e 5.558, versando, respectivamente, acerca da medida de Salvaguarda Provisória e Salvaguarda Têxtil, as quais trouxeram em seu bojo restrições à importação de produtos provenientes da China capazes de incidir em ameaças à indústria brasileira.

Merece ressalva o art. 20 do Decreto 5.556 o qual versa sobre os mecanismos capazes de refrear as importações oriundas da China, bem como garantir o resguardo da produção nacional, nos seguintes termos: i – imposição de adicional à Taxa Externa Comum (TEC), sob a forma de alíquota *ad valorem*, de alíquota específica ou da combinação de ambas; ii – restrição quantitativa do ingresso dos produtos; ou iii – combinação dos dois itens anteriores.

No ano de 2007, o Brasil adotou um aumento significativo na importação de têxteis (de 20% para 35% na tarifa). O referido aumento foi decorrente de reivindicações da ABIT como forma de conter a concorrência desleal em relação aos produtos asiáticos.

As empresas deste setor solicitam que o governo federal tome providências no sentido de eliminar as importações ilegais, reduzir os tributos e combater a sonegação fiscal e a informalidade nos negócios. Elas também pediram o apoio do governo à celebração de acordos comerciais que

facilitem o acesso aos mercados europeus e estadunidense e intensifiquem a defesa do setor nas negociações da OMC (ICTSD, 2007)

Ainda segundo o site ICTSD (2007), a Organização Mundial do Comércio (OMC) legitima a elevação das tarifas de importação pelo Brasil, ainda que nos ditames do livre comércio a redução deva ser gradual e progressiva. Nestes termos, a legitimidade origina-se da necessidade de proteger o comércio de forma transparente bem como combater práticas ilegais, desde que tal aumento esteja em conformidade à tarifa consolidada pelo país. No caso brasileiro, essa tarifa é de 35%, o que significa que a alíquota adotada pelo país para importações de têxteis é a máxima permitida.

Outra barreira de proteção ao segmento têxtil nacional ante as importações provenientes da Ásia que entrou em vigor desde janeiro de 2009, é a obrigatoriedade de etiqueta padronizada a ser usada em fios, malhas e roupas.

A legislação protege a indústria têxtil brasileira como um todo e foi fruto de um grande esforço da Abit. Mas ainda falta divulgação para que as medidas sejam adotadas por todos os arranjos produtivos locais (APLs), sobretudo de confecção. Temos o que antes chamávamos de pólos e agora trabalhamos com a terminologia APL em cidades de São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso, Bahia, Rio Grande do Sul, paraná, Minas Gerais, Ceará, Pernambuco, entre outros. (ABIT, 2013)

O diretor-executivo da ABIT comenta não adiantar lutar contra as importações de têxteis apenas com barreiras tarifárias, uma vez que a globaliza o   um fen meno irreversível e s  acarretaria retalia es para as indústrias brasileiras, inclusive de outros segmentos. Acrescenta-se que em agosto de 2011, a Secretaria da Receita Federal dispensou aten o ao controle sobre as importações de têxteis por meio da Opera o Panos Quentes III. Sendo assim, as mercadorias serão submetidas aos chamados procedimentos especiais de controle, isto  , procedimentos realizados quando da suspeita de eventual irregularidade.

A meta   identificar opera es de triangula o (em que um produto chinês, por exemplo, passa por outro país antes de chegar ao Brasil) e fraudes na origem das mercadorias. A Receita poderá levar até 90 dias para liberar essas mercadorias. A fiscaliza o mais rigorosa poderá ser estendida para outros setores, como calçados,  ticas, brinquedos e pneumáticos. O objetivo da Receita   identificar os casos onde existem realmente indícios de irregularidades. Os operadores que queriam dispensa desse tratamento rigoroso podem fornecer informa es [  Receita] (RODRIGUES, 2011).

Por fim, oportuno mencionar o Plano Brasil Maior, o qual, através do governo Federal, estabelece a sua política industrial, tecnológica, de serviços e de comércio exterior para o período de 2011 a 2014. No âmbito do referido Plano, merecem destaque as seguintes medidas: desoneração dos investimentos e das exportações; ampliação e simplificação do financiamento ao investimento e às exportações; aumento de recursos para inovação; aperfeiçoamento do marco regulatório da inovação; estímulos ao crescimento de pequenos e micronegócios; fortalecimento da defesa comercial; criação de regimes especiais para agregação de valor e de tecnologia nas cadeias produtivas; e regulamentação da lei de compras governamentais para estimular a produção e a inovação no país. (BRASIL MAIOR, 2011)

Algumas das metas do Plano Brasil Maior, encontram-se dispostas na tabela 6 a seguir:

**Tabela 6 - Plano Brasil Maior: metas**

<b>Descrição</b>	<b>Posição base</b>	<b>Meta (2014)</b>
Ampliar o investimento fixo em % do PIB	18,4% (2010)	22,4%
Elevar dispêndio empresarial em P&D em % do PIB (meta compartilhada com Estratégia nacional de Ciência e tecnologia e Inovação – ENCTI)	0,59% (2010)	0,90%
Aumentar a qualificação de RH: % dos trabalhadores da indústria com pelo menos nível médio	53,7% (2010)	65,0%
Ampliar valor agregado nacional: aumentar valor da transformação industrial/valor Bruto da Produção (VTI/VBP)	44,3% (2009)	45,3%
Elevar % da indústria intensiva em conhecimento: VTI da indústria de alta e média-alta tecnologia/VTI total da indústria	30,1% (2009)	31,5%
Fortalecer as MPMEs: aumentar em 50% o número de MPMEs inovadoras	37,1 mil (2008)	58,0 mil
Diversificar as exportações brasileiras, ampliando a participação do país no comércio internacional	1,36% (2010)	1,60%
Elevar participação nacional nos mercados de tecnologias, bens e serviços para energias: aumentar valor da transformação industrial/ Valor Bruto da Produção (VTI/VBP) dos setores ligados à energia	64,0% (2009)	66,0%
Ampliar acesso a bens e serviços para qualidade de vida: ampliar o número de domicílios urbanos com acesso à banda larga (meta PNBL)	13,8 milhões De domicílios (2010)	40,0 milhões de domicílios

**Fonte:** Brasil Maior, 2011

O referido Plano, cujo slogan é “Inovar para competir. Competir para crescer”, consiste, de forma ampla, em uma nova política industrial, tecnológica, de serviços e de comércio exterior do país, a qual prevê desoneração tributária de cerca de R\$ 25 bilhões em dois anos, segundo o Ministério do Desenvolvimento,

Indústria e Comércio Exterior - MDIC. (BENTO, 2011)

Em contrapartida, há quem não considere o Plano Brasil Maior como satisfatório em relação ao que se propõe:

O governo terá de consertar o Plano Brasil Maior, o arremedo de política industrial lançado no dia 2 de agosto, se quiser preservar sua parte mais inovadora - a desoneração da folha de pagamentos de quatro setores: **confeccões**, calçados, móveis e software. A mudança pode produzir o oposto do efeito prometido, aumentando os custos de várias dessas empresas. Menos de um mês depois do lançamento, representantes da indústria tiveram de pedir a revisão do plano ao ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel. Pelo esquema proposto, empresas ficariam livres da contribuição patronal para a Previdência. Em contrapartida, os fabricantes de roupas, sapatos e móveis pagariam 1,5% sobre o faturamento. A troca deixaria produtores brasileiros em situação mais desvantajosa do que a que já enfrentam diante dos concorrentes estrangeiros. (BITTENCOURT, 2011, p.1) (Grifou-se)

Ainda segundo Bittencourt (2011), tanto o presidente da ABIT quanto o da FIESP admitem que com 1,5% não haverá desoneração efetiva, a menos que a alíquota ficar próxima de 0,8%. Para os mesmos, dos quatro setores contemplados pelo Plano de que aqui se trata, somente o de tecnologia da informação será efetivamente beneficiado, enquanto que os demais (móveis, confeccões e calçados) não sofrerão ganhos significativos.

## **4 PESQUISA DE CAMPO**

Este capítulo tem por finalidade apresentar os resultados colhidos mediante aplicação de um estudo de caso, cujo roteiro de entrevista abordou os seguintes critérios: movimento das importações, fios desenvolvidos como critérios de inovações, evolução da carteira de clientes e o conseqüente faturamento da empresa.

### **4.1 Apresentação da Empresa**

A empresa envolvida na investigação consiste em um grupo empresarial com ênfase na atuação têxtil, tendo iniciado suas atividades em 1975, já como um passo de verticalização no setor, uma vez que os empreendimentos do grupo desde os anos 50 se voltavam ao beneficiamento de algodão.

A missão da mesma consiste em produzir e comercializar produtos têxteis para os mercados nacional e internacional, atendendo, com qualidade diferenciada, às necessidades dos consumidores.

No que concerne à visão, a empresa vislumbra ser líder incontestemente no seu campo de atuação com plena realização de seus colaboradores e satisfação dos consumidores no Brasil e no mundo.

São valores e princípios da empresa:

- Cultura - os acionistas, diretores, coordenadores e colaboradores são os responsáveis pela cultura da instituição;
- Clientes e fornecedores - manter com os mesmos uma relação harmoniosa e de parceria, caracterizada por honestidade, integridade e respeito mútuo;
- Colaboradores – respeitar os colaboradores, sua dignidade, direitos e contribuições como indivíduos;
- Qualidade - perseguir a qualidade através da melhoria contínua e permanente de cada atividade ou processo do Grupo;

- Empreendimento - encorajar a inovação, promovendo e recompensando o empreendimento individual e coletivo;
- Lucratividade - operar com lucratividade para assegurar estabilidade, gerando condições de crescimento contínuo.

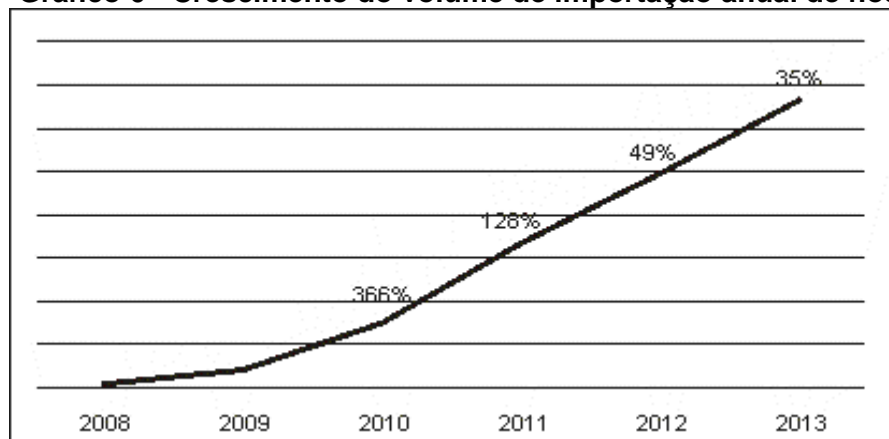
## 4.2 Resultados e Análises

### 4.2.1 Importação

Percebendo uma forte oportunidade de negócio que gerasse uma boa rentabilidade para a empresa, a mesma iniciou a aplicação de uma estratégia a qual gerasse benefícios para toda ou grande parte da cadeia têxtil já que atualmente a concorrência é vista entre cadeias produtivas e não mais entre empresas.

A estratégia foi de importar fios oriundos da Ásia e revender aos seus clientes. Assim, em 2008, foi criado um novo braço, responsável por importar fios asiáticos e revender no mercado nacional, o qual, conforme exposto no gráfico 6, teve um início modesto, mas logo expandiu.

**Gráfico 6 - Crescimento do volume de importação anual de fios**



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2014

Com a aquisição de matéria-prima mais barata, os clientes da empresa investigada puderam produzir artigos a preços mais baratos e, desta forma, competir

mais equilibradamente com os artigos importados dos países asiáticos.

Além de disponibilizar produtos mais baratos, a empresa investigada também põe ao alcance de seus clientes uma grande variedade de produtos, pois, além dos fios de seu portfólio, pode vender outros tipos de fios gerando um aumento na variedade de produtos fabricados de acordo com o mix de matéria-prima (fios) utilizado por seus clientes.

A estratégia da importação de fios gerou vantagens para outros atores da cadeia produtiva têxtil, já que seus clientes estão inseridos em outro elo da cadeia, como a tecelagem e a malharia. Pelo exposto, percebe-se que a empresa encontra-se bem posicionada em relação à concorrência, vindo a reafirmar que suas estratégias de importação encontram-se nos moldes de excelência exigidas pelo setor.

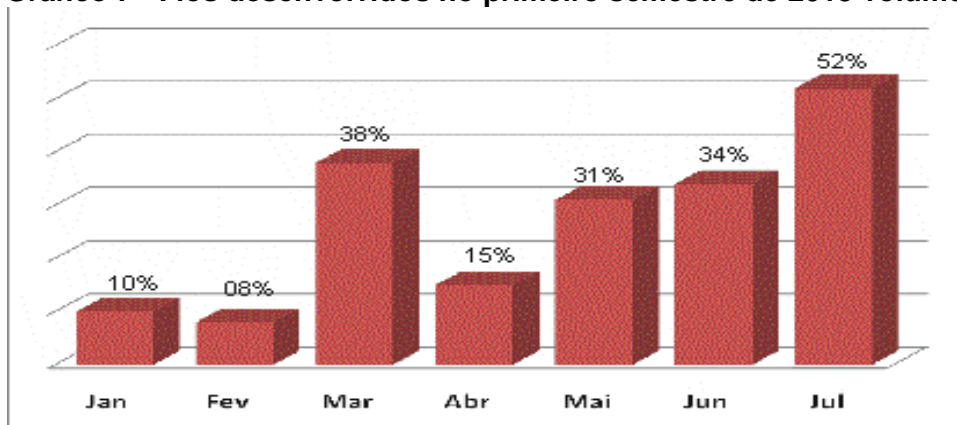
#### 4.2.2 Inovação

Com a consolidação nas importações, a empresa deu o segundo passo em vias de escapar da crise têxtil nacional, através da criação de produtos diferenciados e segmentação de sua linha de produtos. Foram criadas seis famílias:

- Classic – fios tradicionais de algodão e poliéster;
- Innova – fios compactados;
- Fashion – fios com combinação de fibras;
- Fancy – Fios com mudanças na estrutura física.
- Color – fios coloridos;
- Eco – fios com fibras ecologicamente corretas.

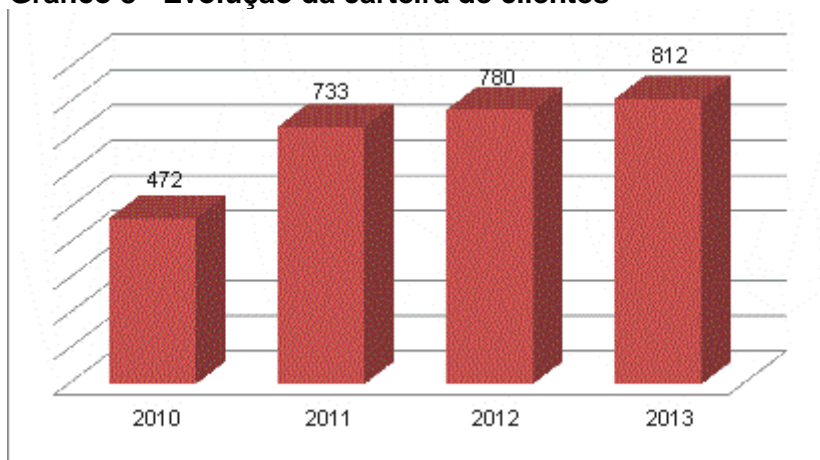
Com a importação de fios convencionais, aos poucos a empresa foi deixando de produzi-los e passou a ocupar suas máquinas com os fios que os asiáticos não têm expertise para fabricar. Para produção desses fios, foi necessário adquirir diferentes fibras, sendo realizados vários testes de desenvolvimento.



**Gráfico 7 - Fios desenvolvidos no primeiro semestre de 2013 volume**

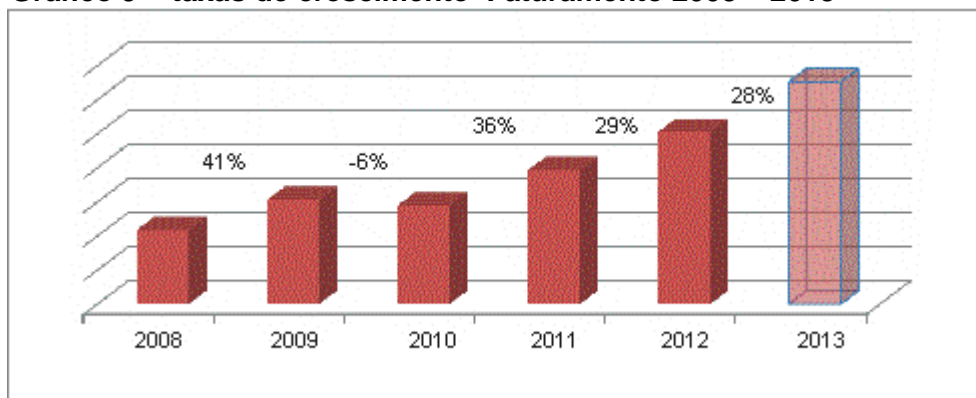
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2014

A variedade de produtos disponíveis, em diferentes fibras e com constante lançamento de produtos novos é refletida no aumento da carteira de clientes da empresa, apresentada no gráfico 8.

**Gráfico 8 - Evolução da carteira de clientes**

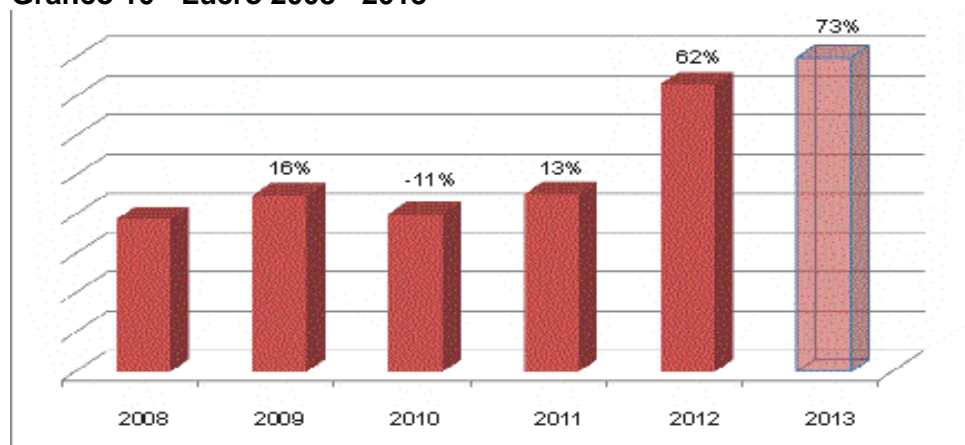
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2014

Assim, nada melhor que expor o faturamento e lucro da empresa para consolidar os bons resultados obtidos através das estratégias de importação e diferenciação.

**Gráfico 9 - taxas de crescimento Faturamento 2008 – 2013**

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2014

Houve uma queda no faturamento e lucro em determinado período, mas em decorrência da crise ocorrida em 2008, contudo a estratégia da empresa foi bem sucedida no médio prazo como demonstrado nos Gráficos 9 e 10.

**Gráfico 10 - Lucro 2008 - 2013**

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2014

## 5 CONCLUSÕES

Foi mostrado que a globalização da economia tem levado as empresas a um novo padrão de concorrência, em que as formas tradicionais de gestão e produção não são mais suficientes para garantir a lucratividade e sobrevivência no mercado, que se apresenta cada vez mais competitivo e exigente em qualidade, custo e atendimento. Isto força as empresas a buscar novas práticas gerenciais que as mantenham competitivas perante seus concorrentes.

Diante disso, foi realizada uma análise a partir de uma pesquisa aplicada em uma empresa de grande porte da indústria têxtil, da qual se pode constatar que uma empresa pertencente a uma cadeia produtiva pode atuar de forma a gerar vantagens para vários outros elos da cadeia, consolidando, assim, os conceitos que formam a nova mentalidade competitiva, em que a concorrência não é mais vista entre empresas, e sim entre cadeias de suprimentos.

Concluiu-se, através do estudo de caso e da análise e discussão dos resultados, que a empresa objeto de investigação funcionou, em sua estratégia, como um financiador de clientes. Isso porque o pagamento das importações são efetuados antes do recebimento do produto (de acordo com a legislação em vigor, vide Anexo A), logo quem importa precisa ter uma boa quantidade de capital de giro para ser consumida, fato este nem sempre vantajoso uma vez que pode culminar no comprometimento do uso do mesmo para o crescimento da empresa. Como a empresa possui uma razoável quantidade de capital acumulado, pode importar os produtos (sem comprometer seu crescimento) e revendê-los aos seus clientes que, por sua vez, podem pagá-los a prazo e vender seus artigos com prazos maiores, gerando, assim, capital de giro para seu crescimento.

Os demonstrativos apresentaram-se importantes no sentido de evidenciar como um elo de uma cadeia produtiva, no caso a empresa investigada, pode agir para gerar benefícios para si e os demais elos da cadeia diante de uma ameaça à outro elo da cadeia, no caso a entrada de produtos asiáticos confeccionados com preços bem mais baratos que ameaçava o setor de confecções (último elo da cadeia).

Em linhas gerais, constatou-se a urgência por parte do governo brasileiro no sentido de adotar condições para que os produtos têxteis nacionais sejam

disponibilizados no mercado doméstico a preços competitivos aos itens importados. A necessidade surge quando eles se mostram pouco competitivos, principalmente quando comparados aos países asiáticos, que são, em média, até 30% mais baratos.

## 6 REFERÊNCIAS

ABIT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL. *BNDES: a cadeia têxtil e de confecções – uma visão de futuro*. Disponível em: <[http://www.abit.org.br/site/texbrasil/?id\\_menu=2&idioma=pt](http://www.abit.org.br/site/texbrasil/?id_menu=2&idioma=pt)>. Acesso em 10 abr. 2014.

ADMINISTRADORES.COM. *Estudo revela dados sobre desempenho da indústria têxtil e de confecções*. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/negocios/estudo-revela-dados-sobre-desempenho-da-industria-textil-e-de-confeccoes/78079/>>. Acesso em: 13 mai. 2014.

BARBOSA, L. *A indústria têxtil e de confecções no Brasil e no mundo*. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:N1q3P2afN5wJ:api.ning.com/files/N3dksbtuMJ5Hhi3Vbf8EdeEP0RibYDZYC9MyKEe-tRUnjYs1Ht114ApL3OFZAzj9P3MqGmw3lgx4eSF7cG9sN5wxIML22OYx/IndustriaTetilnoBrasilenoMundo2012LuizBarbosaParte1.docx+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (editores). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENTO, L. *Plano Brasil Maior beneficia setor têxtil*. Disponível em: <[http://www.guiatextil.com/site/noticias/economia/plano\\_brasil\\_maior\\_beneficia\\_o\\_setor\\_textil](http://www.guiatextil.com/site/noticias/economia/plano_brasil_maior_beneficia_o_setor_textil)>. Acesso em 15 abr. 2014.

BITTENCOURT, E. *Desoneração desastrosa: Plano Brasil Maior*. Disponível em: <<http://textileindustry.ning.com/profiles/blogs/desonera-o-desastrosa>>. Acesso em 19 abr. 2014.

BRAGA, C. A. *Acirramento da concorrência e alterações nas estratégias competitivas na indústria de vestuário: o caso do APL de Petrópolis*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[www.redesist.ie.ufrj.br](http://www.redesist.ie.ufrj.br)>. Acesso em: 03 mar. 2014.

BRASIL MAIOR. Disponível em: <[http://www.brasilmaior.mdic.gov.br/wp-content/uploads/cartilha\\_brasilmaior.pdf](http://www.brasilmaior.mdic.gov.br/wp-content/uploads/cartilha_brasilmaior.pdf)>. Acesso em 18 abr. 2014.

CHUNG, T. *Negócios com a China: desvendando os segredos da cultura e estratégias da mente chinesa*. Osasco/SP: Novo Século Editora, 2005.

COSTA, A. B.; CONTE, N. C.; CONTE, B. C. *A China na cadeia têxtil-vestuário: impacto após abertura do comércio brasileiro ao mercado mundial e do final dos Acordos Multifibras (AMV) e Têxtil Vestuário (ATV)*. Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/3442-11878-1-SM.pdf>>. Acesso em 02 jun 2014.

COSTA, A. C. R.; ROCHA, R. P. R. Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar, 2009.

DI NEGRI, F. *Concorrência chinesa no mercado brasileiro: possíveis impactos da concessão, para a China, do status de economia de mercado*. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/pub/bccj/bc\\_68l.pdf](http://www.ipea.gov.br/pub/bccj/bc_68l.pdf)>. Acesso em 11 abr. 2014.  
FERRETI, R. C. *Competição da China: considerações sobre os impactos nas empresas de vestuário do Espírito Santo*. Disponível em: <[http://www.fucape.br/\\_admin/upload/prod\\_cientifica/renata.pdf](http://www.fucape.br/_admin/upload/prod_cientifica/renata.pdf)>. Acesso em 02 mar. 2014.

FISHMAN, T. C. *China S.A.: como o crescimento da próxima superpotência desafia os Estados Unidos e o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo. Reestruturação e perspectivas. *BNDES Setorial*. Rio de Janeiro, n. 12, p.17-50, 2000.

ICTSD – International Centre for Trade and Sustainable Development. *Brasil aumenta tarifa de exportação de têxteis de 20% para 35%*. Disponível em: <<http://ictsd.org/i/news/pontesquinzenal/5376/>>. Acesso em 12 abr. 2014.

IEMI – INSTITUTO NACIONAL E MARKETING INDUSTRIAL. *Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira*. São Paulo, v. 7, n. 7, ago, 2011.

JORNAL DE NOTÍCIAS. *China tornou-se a segunda economia mundial*. Disponível em: <[http://www.jn.pt/PaginalInicial/Economia/Interior.aspx?content\\_id=1783580](http://www.jn.pt/PaginalInicial/Economia/Interior.aspx?content_id=1783580)>. Acesso em 29 mai 2014.

KON, A.; COAN, D. C. Transformações da indústria têxtil brasileira: a transição para a modernização. *Revista Economia Mackenzie*. Ano 3, n. 3, 2004.

MDIC - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Sistema de análise das informações de comércio exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/alice>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

PLANALTO.GOV.BR subchefia para assuntos jurídicos decreto n 5.556 e 5.558 de 5 de outubro de 2005 ; regulamento as salvaguardas transitórias, objeto do artigo 16 do protocolo de acessão da republica popular da China a organização mundial de comercio OMC

MEHLER, J. R. *Desafios da indústria têxtil e as demandas de sustentabilidade*. Disponível em: <[file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/19-71-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Documents%20and%20Settings/Administrador/Meus%20documentos/Downloads/19-71-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2014.

NUNES, M. B. M. *Planejamento estratégico logístico: uma opção para as indústrias de confecção do estado do Ceará*. Disponível em:

<[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009\\_TN\\_STO\\_091\\_617\\_13582.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_TN_STO_091_617_13582.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2014.

RODRIGUES, L. *Receita endurece regras para importação de têxteis*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/962330-receita-endurece-regras-para-importacao-de-texteis.shtml>>. Acesso em 09 abr. 2014.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Disponível em: <<http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia>>. Acesso em: 03 jun. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1997.

## ANEXO A

### LEGISLAÇÃO DE IMPORTAÇÃO SOB ENCOMENDA

#### **Legislação - Importação por encomenda IN SRF nº 634 de 24/03/206 –**

**Data: 28/03/06**

#### **Legislação**

Instrução Normativa SRF nº 634 de 24/03/206 - DOU 27/03/2006

Estabelece requisitos e condições para a atuação de pessoa jurídica importadora em operações procedidas para revenda a encomendante predeterminado.

O SECRETÁRIO DA RECEITA FEDERAL, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do art. 230 do Regimento Interno da Secretaria da Receita Federal, aprovado pela Portaria MF nº 30, de 25 de fevereiro de 2005, e tendo em vista o disposto no art. 16 da Lei nº 9.779, de 19 de janeiro de 1999, e nos incisos I e II do § 1º do art. 11 e nos arts. 12 a 14 da Lei nº 11.281, de 20 de fevereiro de 2006, resolve:

Art. 1º O controle aduaneiro relativo à atuação de pessoa jurídica importadora que adquire mercadorias no exterior para revenda a encomendante predeterminado será exercido conforme o estabelecido nesta Instrução Normativa.

Parágrafo único. Não se considera importação por encomenda a operação realizada com recursos do encomendante, ainda que parcialmente.

Art. 2º O registro da Declaração de Importação (DI) fica condicionado à prévia vinculação do importador por encomenda ao encomendante, no Sistema Integrado de Comércio Exterior (Siscomex).

§ 1º Para fins da vinculação a que se refere o caput, o encomendante deverá apresentar à unidade da Secretaria da Receita Federal (SRF) de fiscalização aduaneira com jurisdição sobre o seu estabelecimento matriz, requerimento indicando:

- a) nome empresarial e número de inscrição do importador no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ); e
- b) prazo ou operações para os quais foi contratado.

§ 2º As modificações das informações referidas no § 1º deverão ser comunicadas pela mesma forma nele prevista.

Art. 3º O importador por encomenda, ao registrar DI, deverá informar, em campo próprio, o número de inscrição do encomendante no CNPJ.

Parágrafo único. Enquanto não estiver disponível o campo próprio da DI a que se refere o caput, o importador por encomenda deverá utilizar o campo destinado à identificação do adquirente por conta e ordem da ficha "Importador" e indicar no campo "Informações Complementares" que se trata de importação por encomenda.

Art. 4º O importador por encomenda e o encomendante são obrigados a manter em boa guarda e ordem, e a apresentar à fiscalização aduaneira, quando exigidos, os



documentos e registros relativos às transações em que intervierem, pelo prazo decadencial.

Art. 5º O importador por encomenda e o encomendante ficarão sujeitos à exigência de garantia para autorização da entrega ou desembaraço aduaneiro de mercadorias, quando o valor das importações for incompatível com o capital social ou patrimônio líquido do importador ou do encomendante.

Parágrafo único. Os intervenientes referidos no caput estarão sujeitos a procedimento especial de fiscalização, nos termos da Instrução Normativa SRF nº 228, de 21 de outubro de 2002, diante de indícios de incompatibilidade entre os volumes transacionados no comércio exterior e a capacidade econômica e financeira evidenciada.

Art. 6º Esta Instrução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

JORGE ANTONIO DEHER RACHID

#### RESUMO:

Regras a serem adotadas, conforme Lei 11281 e IN 634 de 24/03/06:

1 - Podemos sim realizar operações próprias com empresas que não possuam radar no siscomex, entretanto deveremos seguir as regras previstas na Lei e na IN acima mencionada;

2 - Primeiramente temos que diferenciar a operação própria da operação por conta e ordem;

3 - Uma operação por conta e ordem é aquela em que o encomendante-adquirente possui radar, a operação de importação é realizada com recursos do próprio encomendante, e o câmbio, obrigatoriamente, deverá ser fechado por ele, encomendante-adquirente. Outro fator importante é que o IPI, nos casos em que se aplica, deverá ser tratado pelo Encomendante-Adquirente como crédito na sua escrita fiscal, debitando-se na saída subsequente;

4 - A operação própria prevista na Lei e na IN acima mencionada prevê a importação por uma empresa Importadora com a venda para um único adquirente, mesmo que este não possua radar;

5 - Nesse caso nenhum numerário poderá ser adiantado pelo ÚNICO ENCOMENDANTE SEM RADAR ao IMPORTADOR. Toda a operação, portanto correrá por risco financeiro do Importador;

6 - O IPI deverá ser tratado pelo ÚNICO ENCOMENDANTE SEM RADAR da mesma forma como se trata no caso da Operação Por Conta e Ordem. Isto é: Crédito e débito na saída subsequente;

7 - O Importador, no caso da Operação Própria com um ÚNICO ENCOMENDANTE SEM RADAR deverá recolher o Pis/Cofins tanto na nacionalização quanto na sua venda, pela diferença;

8 - O ÚNICO ENCOMENDANTE SEM RADAR deverá protocolar requerimento junto à Alfândega de jurisdição da sua matriz para fazer a vinculação do seu CNPJ ao CNPJ da empresa importadora, citando nesse requerimento:

- 8.1 - O nome e cnpj do importador que fará as importações;
- 8.2 - O prazo contratual previsto para essas operações;
- 8.3 - Eventuais modificações no curso do cumprimento desse contrato deverão ser comunicadas à Receita Alfandegária.

9 - O Importador, por sua vez, ao registrar a D.I para as operações de importação com um ÚNICO ENCOMENDANTE SEM RADAR deverá informar, em dois campos existentes na D.I o número do CNPJ do ÚNICO ENCOMENDANTE SEM RADAR (campo hoje utilizado para informar os dados da operação por conta e ordem) e que se trata de IMPORTAÇÃO POR ENCOMENDA (informações complementares)

## **APÊNDICE A**

### **QUESTIONARIO DA ENTREVISTA PARA ESTUDO DE CASO**

1. Qual o perfil, produtos e segmento de mercado da empresa.
2. Qual a estratégia adotada pela empresa contra a concorrência asiática.
3. Como se desenvolveu as estratégias e metas.
4. Quais inovações foram implantadas pela empresa.
5. Como foi a mudança de portfolio e quais estratégias estabelecidas para os novos nichos de mercado.
6. Como se desenvolveu as importações dos novos produtos, resultados metas.
7. Quais resultados obtidos com a produção das novas matérias primas.
8. Como se desenvolveu o novo mercado, clientes, perfil e resultados.
9. Quais os resultados do faturamento e lucro após as mudanças estabelecidas.
10. Qual a avaliação e análise da empresa com base em seus resultados.